

Potenciais vetores e soroprevalência anti-*Rickettsia* em cães residentes em área de transmissão de febre maculosa no município de Paraty/RJ, bioma Mata Atlântica

Sheila de F. Ventura¹; André L. P. G. Lobo¹; Marcelo S. Santiago¹; Egle V. Taira²; Maria S. B. Sousa³; Ana P. Borsoi⁴; Aldemar Ferreira⁴; Stefan V. de Oliveira⁴⁻⁵; Diego Montenegro⁴⁻⁶; Gilberto S. Gazeta⁴.

¹Prefeitura Municipal de Paraty - Departamento de Vigilância Ambiental em Saúde, 23970-000, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. Email: sheila_ventura@hotmail.com. ²Hospital Veterinário Panda São Mateus, 03950-000, São Mateus, SP, Brasil. ³Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro –SES, 21040-361, Rio de Janeiro. RJ, Brasil. ⁴Laboratório de Referência Nacional de Vetores das Riquettsioses (LIRN) –IOC/Fiocruz, 21040-360, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ⁵Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, 70058-900, Brasília, DF, Brasil. ⁶Laboratório de Doenças Parasitárias, Instituto Oswaldo Cruz –IOC/Fiocruz, 21040-360, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

A febre maculosa (FM) no Brasil é uma zoonose associada à *Rickettsia rickettsi*, com quadros graves, frequentemente fatais, e *Rickettsia* sp. cepa Mata Atlântica (*R. cMA*), sabidamente transmitidas por carrapatos. Cães têm sido considerados sentinelas, podendo participar do ciclo enzoótico e epidêmico desse agravo, especialmente em áreas do bioma Mata Atlântica, onde *Amblyomma ovale* e *Amblyomma aureolatum*, ectoparasitos de cães, têm sido fortemente associados à transmissão de *R. cMA* e *R. rickettsii*, respectivamente. O município de Paraty / RJ, com grandes áreas de ambiente preservado, está dentro do Bioma Mata Atlântica e tem seis casos confirmados de FM entre 2009 e 2015, despertando o alerta para o monitoramento ecoepidemiológico da doença, sem haver, contudo, o entendimento do possível mecanismo de circulação de riquetsias no município. Este trabalho objetivou identificar o potencial envolvimento de cães e seus ectoparasitos na circulação de riquetsias no município, durante investigação de caso autóctone de FM, com sinais e sintomas: febre, cefaleia, exantemas, dor abdominal, prostração e mialgia. Amostras de sangue e ectoparasitos foram obtidos dos seis cães residentes no local provável de infecção e analisadas. Todas as amostras foram consideradas soro reagentes pela IFI ($\geq 1:64$). Sessenta e um (89,71%) exemplares de *Amblyomma ovale*, cinco (7,35%) de *Rhipicephalus sanguineus*, e dois (2,94%) *Ctenocephalides felis* foram identificados. Em 83,33% (5/6) dos cães ocorreu co-infestação, dominante com relação média de 9:1 por *A. ovale* e *R. sanguineus*. A elevada frequência de *A. ovale* em cães soropositivos é indicativo do potencial envolvimento desse carrapato no ciclo enzoótico e/ou epidêmico da FM no foco sob investigação. Igualmente, a evolução clínica do caso investigado tem semelhança àquela observada em infecções por *R.cMA*. Novos estudos sobre identificação molecular de riquetsias são necessários para a compreensão da cadeia de transmissão no foco.

Palavras-chave: *Amblyomma ovale*, Febre Maculosa, *Rickettsia*